

SALÁRIOS E VIDAS MAIS IGUAIS



Com esta campanha, queremos chamar a atenção e suscitar uma reflexão sobre desigualdades salariais entre mulheres e homens e ao modo como estas são fruto do sistema económico dominante - uma realidade injusta presente em todas as sociedades do mundo.

A campanha foi desenvolvida no âmbito do projeto “Sem Sombras | Jovens, Igualdade e Outras Economias”, promovido pelo Graal e pelo CIDAC, com o apoio financeiro do Instituto Camões, IP. As ilustrações foram elaboradas por Francisca Almodovar de Faria.



Parceria



Apoio



A AMPLITUDE DAS DESIGUALDADES SALARIAIS ENTRE MULHERES E HOMENS

As desigualdades salariais entre mulheres e homens existem em todo o mundo. Segundo dados do EUROSTAT, em 2022, na União Europeia, a diferença salarial média era de 12,7%, isto é, as mulheres ganhavam em média 87,3€ por cada 100€ ganhos pelos homens. Isto significa, que as mulheres teriam de trabalhar aproximadamente mais um mês e meio por ano para compensar a diferença. A nível mundial, a desigualdade é mais acentuada: as mulheres recebem, em média, menos 24% do que os homens por um trabalho comparável, em todas as regiões e sectores (Oxfam, 2024).

Em Portugal, a diferença ronda os 13%, mas aumenta quanto maiores são as qualificações: no caso das pessoas com ensino superior, as mulheres ganham, em média, menos 25,8%.

Estas diferenças salariais são injustas e inaceitáveis. É necessário continuar a luta!



257 ANOS PARA QUE A IGUALDADE SALARIAL SEJA UMA REALIDADE?

Temos assistido a progressos mas há que reconhecer que têm sido lentos. Ao ritmo atual, segundo cálculos da ONU (2024), serão necessários 257 anos para alcançar a igualdade salarial.

Além disso, os avanços não seguem um caminho linear: houve anos e países em que o fosso dos rendimentos do trabalho das mulheres e dos homens tem aumentado, depois de ter diminuído, entre os quais Portugal.

Isto é, nenhuma conquista está garantida definitivamente!



DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO DAS MULHERES

É frequente o mesmo trabalho feito por homens e mulheres ser avaliado e remunerado de forma diferente, apesar de, neste último caso, tal prática ser ilegal. “Trabalho igual, salário igual” é um direito consagrado na Constituição Portuguesa e no Código do Trabalho, que prevê penalizações para situações de discriminação em função do sexo.

Sabias que no Código do Trabalho há um artigo específico que estabelece a igualdade de condições de trabalho entre mulheres e homens?!

É o artigo 31.º e diz o seguinte: “Os trabalhadores têm direito à igualdade de condições de trabalho, em particular quanto à retribuição, devendo os elementos que a determinam não conter qualquer discriminação fundada no sexo”.



A SOBRECARGA DAS MULHERES NA ESFERA PRIVADA

Em Portugal, como em todo o mundo, as mulheres assumem a maioria das tarefas domésticas e de cuidado. Dedicam, em média, mais 1h45 por dia do que os seus parceiros homens a tarefas domésticas (CIG, 2022). São funções quotidianas, pouco valorizadas, mas essenciais à economia e à vida. Sobrecarregadas com responsabilidades domésticas e familiares, muitas mulheres têm menos tempo e menos energia para se dedicarem à esfera profissional e algumas desistem de projetos profissionais importantes para si.

Sabias que, em 2024, a Organização Internacional do Trabalho estimou que, dos 748 milhões de pessoas com mais de 15 anos que se encontram excluídas do trabalho assalariado devido à carga do trabalho de cuidado, 708 milhões eram mulheres e apenas 40 milhões homens?

Não será necessária e justa uma redistribuição do trabalho de cuidado entre mulheres e homens?



As mulheres estão sub-representadas nos sectores mais bem pagos (sector tecnológico e financeiro) e sobre-representadas nas profissões menos bem remuneradas (educação, saúde e cuidados).

É frequente encontrarmos mulheres que trabalham como empregadas domésticas e das limpezas, enfermeiras, assistentes sociais, psicólogas, operadoras de caixa de supermercado, mas é raro encontrá-las na área da construção, na condução de veículos, na mecânica, eletricidade e eletrónica... As profissões ligadas às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), que tendem a ser bem remuneradas, raramente são escolhidas pelas mulheres. Segundo o EUROSTAT (2022), estas representam apenas 20% do total das pessoas empregadas nesta área, em Portugal.

O sistema económico penaliza as profissões tradicionalmente femininas, que são frequentemente desvalorizadas e mal remuneradas. E os estereótipos de género continuam a influenciar fortemente as escolhas escolares e profissionais das raparigas e dos rapazes.

Isto não nos deveria dar que pensar?

AS PROFISSÕES MAIS MAL PAGAS SÃO AS MAIS FEMINIZADAS



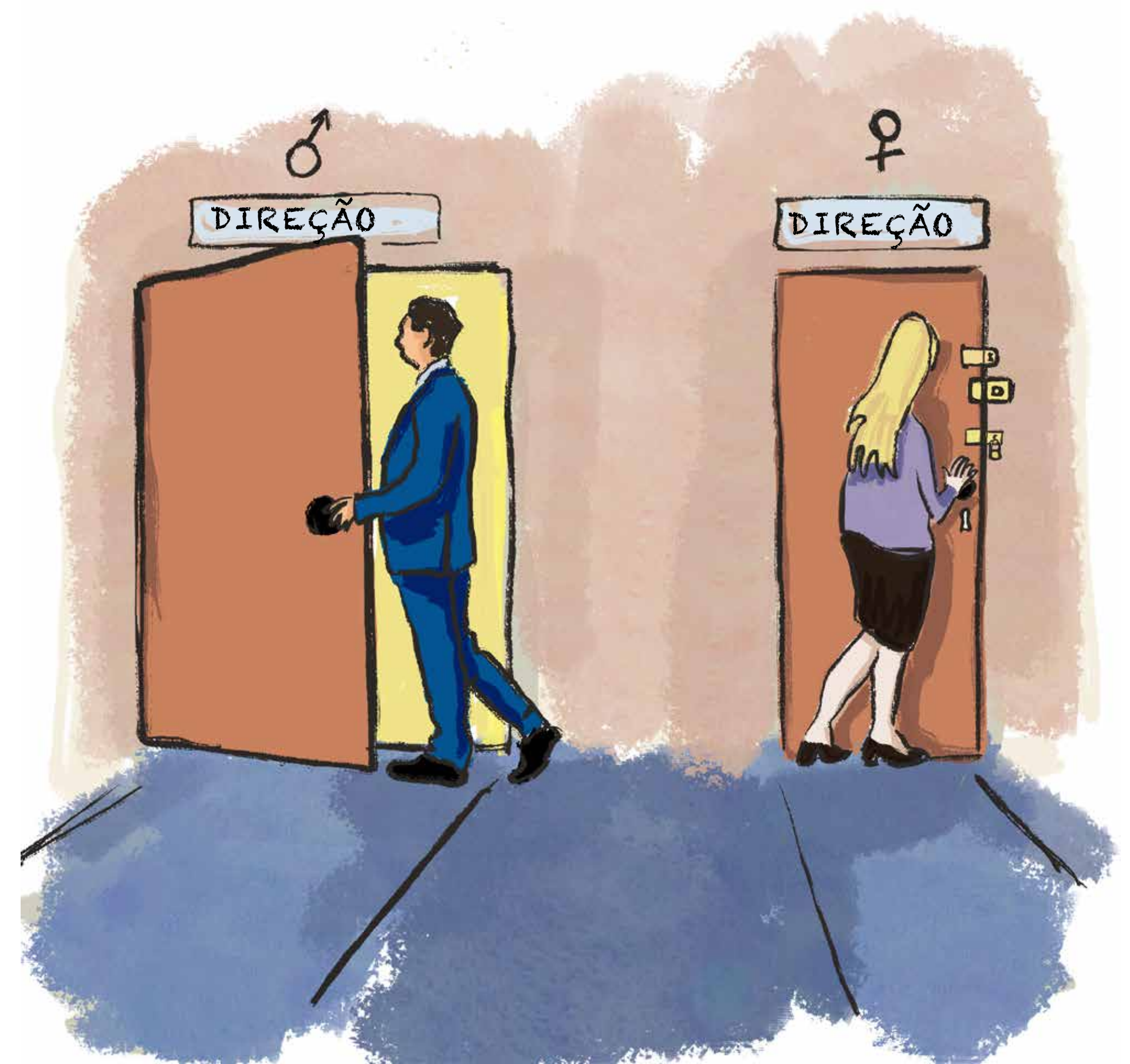
A maioria dos contextos laborais organiza-se de forma hierárquica. Os rendimentos das pessoas variam muito em função do lugar que ocupam na hierarquia. Quem está na base recebe, muitas vezes, salários tão baixos que impossibilitam uma vida digna.

Os números mostram-nos que as mulheres estão mais presentes nesses lugares do que os homens. Segundo o INE, em 2021, a percentagem de homens em cargos de representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores/as e gestores/as executivos/as era 28,6% superior à de mulheres.

Os cargos de chefia são mais facilmente confiados aos homens. As mulheres encontram diversos obstáculos para aceder a esses lugares, por exemplo, a crença, muito enraizada na nossa sociedade, de que os homens são mais pragmáticos, melhores líderes e mais capazes de tomar decisões de forma racional.

Já ouviste falar no conceito de “teto de vidro”? É uma metáfora utilizada para se falar dos obstáculos invisíveis que as mulheres enfrentam em diferentes esferas (laboral e política, por exemplo) para acederem a posições em que teriam maiores possibilidades de influenciar a realidade e obter maiores rendimentos do seu trabalho.

AS MULHERES ENCONTRAM MAIS BARREIRAS À SUA PROGRESSÃO PROFISSIONAL



DESIGUALDADES SALARIAIS: NÃO SERÁ UMA QUESTÃO DE ECONOMIA?

Quando falamos de trabalho, de salário ou rendimento, falamos de economia individual, familiar, mas também dos países e de toda a sociedade. A economia atual baseia-se em formas desiguais e não democráticas de organização do trabalho, de distribuição e de acesso à riqueza e aos recursos. Visa a concentração do poder e da riqueza em algumas pessoas, grupos e países, em vez de proporcionar bem-estar e uma vida digna para todas as pessoas no planeta.

Como vimos, ser mulher aumenta a probabilidade de se ser discriminada a nível laboral, mas há também outros fatores que aumentam a vulnerabilidade à discriminação: etnia, classe social, nacionalidade ou origem, deficiências físicas e mentais. Isto é, uma mulher, afrodescendente, pobre e imigrante, tem menos probabilidade de aceder a profissões dignamente remuneradas e a verem respeitados os seus direitos laborais.



Sabias que 1% da população mundial detém a mesma riqueza que os restantes 99%?

DISPARIDADES SALARIAIS, UM PROBLEMA QUE GERA OUTROS PROBLEMAS

As desigualdades salariais são injustas em si mesmas: em média, as mulheres enfrentam mais constrangimentos financeiros do que os homens. Isto gera frustração e reforça a ideia de que o trabalho das mulheres tem menos valor.

A desvalorização do trabalho feito pelas mulheres é uma das razões que explicam a forma desproporcional como são afetadas pela pobreza. No mundo, a maioria das pessoas que vivem em extrema pobreza são mulheres. Segundo a ONU Mulheres, em 2024, no mundo, 1 em cada 10 mulheres vivia em pobreza extrema.

Por ganharem menos ao longo da vida e terem menor acesso a trabalhos com contrato, na terceira idade, as mulheres acabam por ter reformas mais baixas do que os homens. De acordo com o Ministério do Trabalho e da Segurança Social, a diferença média situa-se nos 43% (2021).

Não ter um contrato de trabalho e ganhar menos não são apenas problemas que afetam pessoas em idade ativa, mas um problema que se prolonga pelo resto da vida!



MENOS AUTONOMIA E CAPACIDADE DE TOMAR DECISÕES

Ter um emprego com um salário digno aumenta as possibilidades de se fazerem escolhas autonomamente.

Em alguns contextos e famílias, por receberem salários mais baixos do que os homens, as mulheres ficam afastadas das decisões económicas mais importantes.

A dependência financeira coloca as pessoas numa situação mais vulnerável, sendo, por vezes, um obstáculo à saída de situações de violência doméstica.

A construção de uma sociedade justa e igualitária, onde homens e mulheres partilham equitativamente o poder, passará, necessariamente, pela igualdade salarial!



SE CONSEGUIR POUPAR ESTES 20
EUROS TODOS OS MESES, DENTRO DE 98
MESES VOU CONSEGUIR REALIZAR O
SONHO DE LEVÁ-LOS A ESPANHA...
UFFF... DAQUI A 98 MESES JÁ NÃO
DEVEM QUERER ANDAR COM A MÃE
ATRÁS...

Conscientes das desigualdades estruturais em que o comércio internacional globalizado assenta, surgiu nos anos 60 um movimento formado por muitas associações, coletivos e cooperativas, que tenta criar relações humanas e económicas mais justas: o Comércio Justo. A partir de experiências concretas, procura garantir uma remuneração justa para todos e todas e condições de trabalho dignas, não recorrendo ao trabalho infantil, por exemplo.

No que diz respeito às desigualdades entre homens e mulheres, o Comércio Justo procura: promover a igualdade salarial; a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal; que as mulheres tenham controlo na gestão dos seus rendimentos; que se insiram em formas de trabalho democráticas, como as cooperativas. Acima de tudo, procura assegurar a autonomia e o poder das mulheres na tomada de decisão sobre o seu trabalho, os seus rendimentos e a sua vida.

Mas o Comércio Justo não é a única alternativa: ao longo das últimas décadas, um pouco por todo o mundo, têm sido construídas experiências de “economia solidária” uma economia assente nos valores da justiça, da igualdade e da dignidade humana. O facto de estes não serem modelo dominantes não significa que não existam ou que não representem uma escolha para o nosso futuro!!

Sabias que 10% da população mundial trabalha em cooperativas?

SERÁ QUE É APENAS COM DESIGUALDADE QUE SE PODE CONSTRUIR A ECONOMIA?



IGUALDADE SALARIAL, UMA CONSTRUÇÃO INACABADA

As disparidades salariais entre mulheres e homens têm sido normalizadas em vários países e ao longo da história. Apesar de persistirem, essas disparidades têm vindo a ser, ainda que lentamente, problematizadas e reduzidas. Para esta tendência, contribuíram:

- movimentos e organizações da sociedade civil nacionais e internacionais;
- sindicatos;
- instituições académicas;
- entidades empregadoras que praticam a igualdade salarial;
- governos e organismos internacionais que desenham políticas públicas comprometidas com os direitos das mulheres.

Como vimos, há ainda um longo caminho a percorrer até à igualdade salarial entre mulheres e homens. É, portanto, necessário continuar a questionar, a denunciar, a pressionar e a adotar medidas concretas para que a igualdade dos rendimentos de mulheres e homens seja mais do que uma utopia!



Não te conformes! Posiciona-te e manifesta-te por salários e vidas mais iguais!